



Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário • 12 de Dezembro de 1992 • Ano XLIX — N.º 1272 — Preço 30\$00 IVA incluído.

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Estamos bem! Somos olhados com respeito e como amigos. Mas... o pão para este povo, vítima inocente dos desmandos, desta confusão?

BENGUELA

ANGOLA

ESTOU a escrever à luz da vela, serena, pacífica, em contraste com a turbulência que ocupou esta zona nos últimos dias. Ao lado fica o nosso posto de transformação sem funcionar há mais de oito dias; pequenina vítima entre o grande número delas, de dimensão incomparavelmente maior, dos gravíssimos tumultos que se deram em Benguela, Catumbela e Lobito.

Estamos bem! Escrevo com temor e a tremer, entretanto. Não é a segurança das nossas vidas que está em causa, graças a Deus. Envolvidos por gente que se cruza num vaivém constante, a fugir dum lado para o outro, com suas trouxas à cabeça ou em carinhos de mão, dentro de nossas paredes somos olhados com respeito e como amigos. Mas... o pão para este povo, vítima inocente dos demandos de cabeças tresloucadas? A passar tão mal antes desta confusão, que será no futuro próximo? E o outro?

Se, até aqui, parte do meu tempo era gasto à procura de comida para que não faltasse o mínimo para a sobrevivência dos que assumimos com cuidado particular, que fazer agora? Onde encontrar a farinha de milho, base da sua alimentação, se todos os armazéns e lojas foram saqueados e destruídos por gente tresloucada e os vagões com milho tiveram igual sorte? E o feijão? E o óleo alimentar mais o sabão? Meu Deus! Que loucura! Esta é a razão do meu temor e do meu tremer.

Hoje, de tarde, veio ter comigo a Helena Maria muito aflita. O seu menino não pára de chorar por falta de *matete* (a papa feita de farinha de milho), quase a única alimentação dos bebés. Deixou o trabalho e lá se foi, perdida, a correr não sei para onde. É um símbolo da situação!

Não desanimamos. O desafio que nos é feito, vai ganhando novas formas. O compromisso que assumimos perante o povo faminto, miserável e pobre está à prova. Estamos a trabalhar. Primeiro, tudo faremos para ganhar

Continua na página 4



O grupo que seguiu para Angola e reabriu a Casa do Gaiato de Benguela

POBRES

Nove famílias e vinte e sete crianças sob ameaça de despejo

Quando li no jornal do dia a notícia de nove famílias e 27 crianças sob a ameaça de despejo fiquei ferido e a duvidar. No mesmo dia fui ver com os meus olhos e sentir com todos os sentidos. Era verdade a notícia e no local ainda me pareceu o ambiente mais carregado de miséria.

Os carreiros que dão acesso às barracas tremendamente pobres; as aberturas do casarão onde já estiveram portas e janelas; os buracos grandes nos soalhos; escadas de acesso meias dependuradas; cobertas e roupas desalinhas aos montes no chão; muito lixo amontoado nas passagens; a água de consumo no poço cheio de coisas em decomposição; grande parte da cobertura da casa já sem telhas; poças de água da chuva no interior.

Encontrámos os habitantes tristes e sem esperança. Quando forem obrigados pelo tribunal a sair dali contam ir para a frente da Câmara ou para debaixo das pontes. Todos os moradores são naturais daquela terra.

Disseram-nos que muitas crianças dão sinais de raquitismo e outras doenças provocadas por toda aquela miséria. Um pai desabafou que três dos seus filhos têm de ir fazer tratamento ao hospital. Há pais e mães sem trabalho.

Continua na página 3

Advento

Tempos messiânicos

Faz agora anos — e fá-los quatro anos seguidos, tantos quantos levou a passar as malhas da Censura — artigo com este mesmo título, evocando o trecho do Profeta

Isaías a propósito dos tempos messiânicos, que, uma vez mais, lemos hoje na Missa do 1.º Domingo deste tempo litúrgico:

«O Senhor será Juiz no meio das nações e Árbitro de povos sem número. Das espadas forjarão relhas de arado e das lanças farão foices. Uma nação já não há-de erguer a espada contra outra nem mais se há-de aprender a fazer guerra. Vinde, pois, oh Casa de Jacob, caminhemos à luz do Senhor.»

Decorria a guerra colonial e foi em África que o escrevi. Achado subversivo pelos critérios que dominavam, foi chumbado três anos consecutivos. No quarto passou.

Também aqui a Censura passou. Mas lá permanece o drama que deu mote ao escrito, ainda mais vivo agora do que naquele tempo. Se então era irrazoável a ideia de «guerra legítima» que se pretendia impor e impôs durante treze anos, quanto mais cruel e ilegítima não é agora!

Os tempos messiânicos, os últimos tempos, anuncia-

dos pelos Profeta para «os dias que hão-de vir», já vieram. Mas os povos não têm «subido ao monte do Senhor (...) para que Ele nos ensine os Seus Caminhos e nós sigamos pelas suas veredas». Não tem sido a Ele que se apela como Juiz, que se procura como Árbitro. Por isso a realidade contradiz a profecia: Em vez de «não mais se aprender a fazer guerra», parece que os povos não sabem fazer mais nada. E o projecto de conversão de «espadas em arados, de lanças em foices», só ele vital e por isso tão urgente para aqueles povos destroçados, vai sendo adiado *sine die*, como se a morte esperasse por quem não assume a vida.

«Caminhar à luz do Senhor!» — eis o remédio anunciado pelo Profeta e segredo de fecundidade para quem o toma. É o programa das nossas pequeninas comunidades que regressaram a África: Caminharem eles... e mostrarem ao mundo que não há outro caminho. Espadas e

Continua na página 3



Benguela — Uma parte da nossa Aldeia: Habitação e Escola.

Conferência de Paço de Sousa

NATAL! — Todos os dias ele é no reino dos Pobres!

Aqui, a melhor nova de Esperança e Fraternidade é o serviço prestado regularmente, com muito carinho, pelas vicentinas, esposas de vicentinos desta Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, às Pobres acamadas — na falta de específico apoio domiciliário, como o que as Misericórdias, em seu regresso às fontes, accionam já em vários pontos do País. Por isso, ainda não há muito, estimulámos alguns mesários nesse sentido: — Mais do que grandes obras, é urgente este serviço! Não se retira a pessoa do meio ambiente. Pequeninos Calvários que testemunham a presença de Deus — nos irmãos em sofrimento. Fontes de luz divina.

A nossa mensagem de Natal!

BUROCRACIA — Servimos na que impende sobre os Pobres. Acção d'amanuense que tem curiosas facetas, pois ainda há muitos que, não sabendo ler nem escrever, ficam baralhados, aflitos com eventuais quebras na pensão de reforma, abonos de família, subsídio de doença, pensão social, etc.

Ainda agora demos a mão a uma deficiente-motora que os bombeiros transportaram, regularmente, a hospitais e clínicas — com solicitude. À laia de parêntesis: Sendo nós outros também bombeiros sem farda, responsáveis pela construção dum quartel-sede, a Corporação sofre uma injustiça fiscal — 16% de IVA, na empreitada!! A injustiça é mais grave porque, recentemente, diminuíram a taxa às autarquias para 5%... E há muito que reembolsam o imposto às instituições particulares de solidariedade social. Obviamente, os regulamentos da CE são maleáveis...! Estranhámos, ainda, que o IVA pago pelas Corporações, na construção dos seus quartéis (centenas de milhares de contos, pelo País fora), não queime as mãos, a alma, dos cobradores de impostos — até ao vértice da pirâmide; sendo, como é, um capital indispensável à ultimização dessas *catedrais da paz*, na afirmação do Padre Melícias.

Regressando ao tema inicial, a deficiente-motora — ao cuidado do pai, viúvo, reformado — não recebe qualquer subsídio. Por isso, ele sofre a angústia de deixá-la sem recursos... Foi, então, organizado um processo entregue na Segurança Social. «S'eles compreenderem a situação» — desabafa o pobre homem — «aliviam nós dois».

Nesta fase, preenchemos impressos que justificam o «complemento por cônjuge a cargo». Pequeníssimo dote mensal às esposas dos reformados.

Com a introdução da informática, melhorou o mecanismo burocrático da Segurança Social. Mas, eventualmente, acontece uma ou outra descoordenação; agora, na reposição de valores pecuniários: houve que justificar, documentalmente, que as pensões duma velhinha, recebidas *post-mortem*, foram devolvidas a Lisboa — e não participaram ao Porto! Isto ocupa tempo... Necessário para atendermos os Pobres.

PARTILHA — O casal-assinante 11902, de Fundão, encabeça a *procissão* dos habituais «com a contribuição relativa ao mês corrente».

Pelas CASAS DO GAIATO

Assinante 9790, de Oliveira do Douro, lembra antes queridos e perora uma «oração ao Senhor por todos eles. Também pelas almas do Purgatório, especialmente as mais esquecidas, as mais abandonadas». Comunguemos, em espírito de Fé.

«Manel de Braga», um «cheque para as viúvas. Pobrezinho, mas não posso mais. A minha reforma é pequena».

Assinante 14493 com «pequena ajuda, uma gota apenas; mas espero que outras gotas se lhe juntem. Senão, de que vale a minha?!».

Baguim do Monte (Rio Tinto), oferta mensal do assinante 17258 para «a renda da casa da viúva».

A pequena *procissão* fecha com a presença da assinante 26038, de Ílhavo, excedente de assinaturas d'O GAIATO «para ajuda de alguma necessidade mais urgente da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, uma vez que também somos vicentinas e amamos muito os irmãos neces-

sitados». São gestos que nos estimulam!

Em nome dos Pobres, um santo Natal e muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

POMAR — Já tem mais alguns animais! Se os leitores tiverem possibilidades de oferecer faixões, perdizes, patos, coelhos, pombas, perus, galinhas, etc., ficaríamos muito felizes. É bom termos o pomar cheio de vida.

EXCURSÃO — Recebemos a do Banco Espírito Santo, do Porto. Almoçaram todos eles no nosso refeitório e passaram o dia com a malta. À tarde, fizeram um pequeno magusto e as castanhas assadas souberam-nos muito bem.

ÁFRICA

MAPUTO — Moçambique

OFERTAS — Recebemos da Fábrica de Calçado Facobol 40 pares de sapatilhas, que muito jeito nos fazem. Da Cáritas, muitas panelas, caixas de papinhas e 40 sacos de sementes, úteis neste tempo de prováveis chuvas. A D. Aura, da Embaixada Portuguesa, deixou 50.000,00 MTS. Da C.E.E., através da D. Noémia, um bom fornecimento de milho, arroz, feijão, farinha de trigo e óleo; evita grandes despesas. Algumas ofertas, de Portugal. Quero mencioná-las com apreço: da minha paróquia Natal, St.ª Eufémia (Leiria), uma recolha feita pelos jovens e amigos: 1070 dólares; para todos um grande abraço, de agradecimento. Da minha tão querida amiga e «mãe», D. Preciosa, de Ortigosa (Leiria), uma bonita câmara de filmar. Agora podemos registar os momentos mais importantes, e alegres, da evolução da nossa Obra! Para ela, um grande beijo de muito carinho de «filho»...

VISITAS — Da parte da Unicef, novamente a D. Nydia Queiróz, trazendo o sr. Adorna, um responsável pelos deferimentos dos projectos apresentados. Trouxeram uma grande merenda distribuída pelos nossos rapazes, pelas crianças da aldeia e até chegou para os adultos presentes. No mesmo dia, o querido amigo Eng.º Brás de Oliveira — com o Padre Armindo, da paróquia da Polana e a D. Aura — que vem sempre com pouco tempo, mas disposto a ajudar e partilhar das nossas preocupações. O Padre David, da Matola, trouxe responsáveis da cooperação espanhola que vieram estudar, no próprio local, a viabilidade de um projecto apresentado. A Cáritas, elementos da congénere americana. Por último, três padres, sendo dois professores no Seminário Maior.

Alegramo-nos por saber que ficaram contentes com os nossos progressos... Obrigado.

A NOSSA FAMÍLIA — Chegaram mais dois rapazes. O César, de 14 anos, andava na rua com o irmão mais novo, que espera vir também. O outro, oriundo da base da Renamo, terá cerca de oito anos e não fala português. Agora, chama-se João Paulo. Tem um período de adaptação e, depois, entram na rotina do dia-a-dia.

Carlos Roda

CRIANÇAS E VELHOS — A certeza de que Deus está conosco faz-nos caminhar com segurança. No meio dos desafios estão os dois extremos: crianças e velhos. Até nem sabemos por onde começar! A nossa Casa já não tem espaço nem condição, mas quando vemos os casos da rua, o coração fala mais alto. Há dias, a imprensa referiu o caso dum miúdo, de oito anos, que tentava, à noite, assaltar uma loja. É normal ver, no dia-a-dia, jovens espancados pelos adultos. Na semana passada fui às compras e na porta da loja havia um polfícia. Quando me viu acompanhada de um dos nossos rapazes, disse logo: «Este rapaz não pode entrar». O moço baixou a cabeça

CARAS NOVAS — Recebemos mais «gente nova» dois rapazes de Miranda do Corvo e outro de Benavente. Os de Miranda do Corvo (irmãos) já têm apelido. Um é «Miranda», o outro «Corvo». O Vítor, de Benavente, ainda não tem apelido, e mais tarde ou mais cedo será baptizado.

IOGURTES — A fábrica Gresso ofereceu uma boa carga deles, servidos à sobremesa e à merenda.

A nossa gratidão pela valiosa oferta.

UMA PRESENÇA — Durante algum tempo teremos a presença do sr. Alfredo Barbosa, actual treinador de atletismo do S. L. Benfica. Há muitos benfiquistas, portistas e sportingistas. Eu sou portista!

Não sei ainda quando virá para nos treinar. Esperemos que tudo corra bem, para melhor conhecermos o desporto de elite.

REGRESSO DA TROPA — Três gaiatos acabaram o serviço militar: «Cebola», Victor Centeio e Bento. Esperemos que arranjam bom trabalho para seguirem a sua vida profissional.

FUTEBOL — Recebemos a equipa do Croca, que nos derrotou por 6-2.

Jogámos bem, mas o nosso adversário soube aproveitar melhor o ritmo do jogo. É uma equipa mais adulta do que a nossa.

«Vitinho»

A NOSSA COMUNIDADE — Na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, somos perto de 170 rapazes.

Ultimamente, não tem havido grandes novidades porque a maior parte dos mais antigos dão lugar aos mais novos. Por isso, ficamos mais «pobres» em convívio, mas temos de nos interessar pelos mais novos.

Os mais velhos precisam de dar a mão aos que chegam. Uns

entram facilmente no ritmo da nossa vida, mas outros há que precisam de ser empurrados com muita calma e um pouco de paciência, porque somos de várias gerações e passámos por situações de carência diferentes.

Repórter x

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Em todas as crónicas tentamos sempre prestar contas da visita aos nossos Pobres. Há 8 anos que a nossa Conferência foi reactivada. Tivemos momentos muito felizes e outros amargos, mas esperamos continuar a nossa luta até quando Deus quiser.

Cada vez há mais Pobres! Uns, por falta de carinho; outros, por falta de dinheiro ou por não saberem orientar o seu ordenado. Falando em falta de carinho e de dinheiro, há dias fomos confrontados com uma situação que nos deixou deveras chocados. Cumprida a visita habitual aos Pobres, pedem para acudirmos a uma senhora muito doente que vive sozinha e ganha, apenas, 14.000\$00. Tem três filhos, mas nenhum a visita. A despesa de medicamentos é muito grande e não ganha para comer. Perante esta situação quisemos conhecer a senhora. Recebeu-nos com lágrimas nos olhos. Sofre de bronquite asmática e tem uma hérnia de volume enorme. Tem muitas dores. Os médicos não a querem operar porque receiam que não agente. Foi o que nos disse, a chorar. Tentámos consolar esta pobre mulher de 58 anos e parece ter mais. O quarto onde vive, se se pode chamar quarto, não tem mais de 5m². Só lá cabe a cama sem lençóis, uma mesa e um fogão pequeno. Tudo muito sujo porque ela nem forças tem para andar, quanto mais para limpar! Vamos ajudá-la. Quando penso que há tanta fartura e poderia ser distribuída pelos Pobres. Mas estamos confiantes. Ao lerem esta notícia, os corações de gelo vão quebrar e pensar um pouco mais naqueles sem a felicidade de possuírem uma casa, uma família unida pelo amor e pela fé em Deus. Cada família é um caso... Nas reuniões, por vezes, discutimos. Cada um puxa a brasa para o seu Pobre. Mas, nem sempre podemos facilitar...

O Natal está à porta. Desajamamos oferecer, a cada família que visitamos, algo mais para a ceia de Natal e a festa que fazemos para os miúdos. Uma tarde de alegria. Contamos com a vossa ajuda.

O QUE NOS DERAM — Da assinante 10720, 2.000\$00 e roupas. M. M., 10.000\$00. Assinante 17193: o nosso muito obrigado pela carta. Quando desejar, estamos ao dispor para falarmos dos nossos Pobres. Assinante 4795, 2.000\$00. Pedimos desculpa a J.R.D., pela resposta tardia à sua carta e à oferta de 2.000\$00. A nossa gratidão, também, pelas máquinas de costura. Assinante 34239, 2.000\$00. De Leonilde Palma recebemos o habitual donativo, de 6/10/92. Boa amiga, é na palavra do Evangelho que servimos o nosso Próximo; porque, ai de nós, se alguma vez esquecéssemos o nome do Senhor! Por isso, e por amor ao próximo, seguindo a Palavra do Pai do Céu, estamos aqui porque Ele nunca esquece os Seus filhos.

e naquela atitude de humildade parecia dizer: «Reconheço que fui marginal». Olhei aquele polfícia e insisti: — Se ele não pode entrar, eu também não entro. Entretanto, o dono da loja apareceu e deu autorização ao rapaz para entrar.

Dada a situação de fome e miséria, neste país, ser criança é ser marginal. Agora, como o acesso à capital não é problema, cresce o número dos que buscam na rua a solução para os seus problemas. Sem família, sem ninguém, entregam-se ao banditismo.

E o que dizer dos nossos velhotes? Só Deus sabe como eles vivem! Aqui, na aldeia, há trinta e quatro que não têm ninguém. Nem os *cabritos* vivem como eles. Uns vinte já têm um lugar melhor para viver; os outros estão à espera. Com o apoio da C.E.E. construímos um refeitório comum para eles. Hoje, foi o primeiro dia de refeição. Terão duas garantidas e deixarão frutos do seu trabalho, pois participarão na machamba e no artesanato.

Com as nossas crianças aprendemos a servir com mais amor. Padeceram muito. São, por isso, sensíveis à miséria de todos os que aparecem.

Irmã Quitéria Torres

BENGUELA — Angola

GUERRA — Em Benguela houve muita confusão com a tentativa de tomada do poder pela força. Actos de violência que provocaram a morte de muitos cidadãos inocentes e destruíram, por completo, vários armazéns de produtos alimentares, fábricas e outros departamentos de utilidade pública, lojas, boutiques e a agência de Viagens TAG. Mas, agora, tudo mais calmo, temos que reconstruir o que está destruído, pois nunca devemos desanimar. Unidos, temos que lutar pela paz que Deus nos deu, e é essa paz que o povo de Angola já demonstrou querer.

CAMPO — O tomate está prestes a acabar. Deu muito, mas temos mais quatro hectares plantados. Esperamos que produza bem. A cebola já levou a última rega. O feijão também está pronto a ser colhido. Se não fossem os dois motores *diesel*, que vieram conosco, estaríamos aflitos. Não temos gerador e a energia foi cortada pela guerra. Mesmo com dois motores, a água é pouca. Deus permita que alguém tenha em conta esta nossa aflição, pois não sabemos onde arranjar motores *diesel*!

A nossa quinta tem outra cara mais bonita, embelezada pelas acácias em flor. É uma alegria vê-las, todas as manhãs, floridas. Quem não conhece Benguela, não conhece as acácias em flor!

CASA-MÃE — Quase pronta! Restam os acabamentos. Agora não sabemos onde ir buscar os materiais! Está tudo parado! Esperamos que tudo volte ao normal para acabarmos as nossas obras.

Benjamin

POBRES

Continuação da página 1

Há pouco tempo ouvimos dizer que aquela nova cidade era a que mais tinha progredido na zona. O aspecto de alguns prédios de habitação é de grandeza. O novo edifício da Câmara e seus anexos são modernos e de vista. Muitas ruas novas e avenidas a testemunhar progresso. Muitos cafés e casas de comércio cheios. Belos bairros habitacionais. Muitos sinais de vida.

Progresso contestado

Mas os Pobres!... Os que não ganham!... Os que não têm capacidade!... Os que não têm voz!... Os que não fazem greves!... Os que não têm!... Nada.

Tantas reuniões se fazem e tantas coisas de dar nas vistas aparecem e, à margem, milhares de famílias continuam a sobreviver em barracas e bairros de lata. A dignidade da pessoa humana passa por um constante adiar. A Constituição consagra o direito à habitação, mas as autarquias remetem para as instâncias governamentais e estas, por sua vez, sacodem a

água do capote e os Pobres continuam à espera.

Gastam-se tantos milhões em coisas supérfluas e a habitação é uma necessidade primária. Topamos que muitos males da sociedade do nosso tempo têm origem na deficiência e promiscuidade da habitação.

Vamos dar as mãos

Custa-nos muito a acreditar que os autarcas e homens válidos desta cidade, donde são cidadãos estas nove famílias e seus 27 filhos, não se unam e encontrem uma solução humana e justa para esta situação dramática que poderá acontecer. A Autarquia não terá um terreno livre? Os grupos políticos não prometem mundos e fundos? Os grupos de bem-fazer locais não poderão também dar a mão? Os cristãos não se reúnem muitas vezes em Eucaristia?

O Padre Américo apelou com veemência: — Cada paróquia cuide de seus Pobres. Se estivesse ainda fisicamente presente iria a esta cidade e gritaria àquele povo: — Dêem abrigo aos vossos Pobres!

Padre Horácio



As ruínas do casarão e duas crianças no barraco



O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto

Casal vicentino

TOJAL

NATAL — Dia do nascimento d'Aquele que veio ao mundo dar a vida por nós. Muitos não dão conta disso e há-os sem possibilidade de celebrar a data por não terem família, casa, ou então devido às guerras que existem no mundo.

No domingo tivemos notícias do que se estava a passar em África. Guerra — o prato forte. Muita coisa destruída. Como será o Natal das nossas comunidades em Angola? A ouvir tiros? A única ajuda que podemos dar é rezar por eles e por todos aqueles que gostariam de poder passar um Natal diferente.

Cá em Casa, o assunto mais abordado é o Natal. Os pequenos, curiosos por saber qual será a sua prenda. Estamos a trabalhar para a festa. Os ensaios a decorrer a bom ritmo. O auto, quase pronto. A dança, bem evoluída. O «Padeiro» e o «Alfaiate» entram na actuação dos «Batatinhas». Será um bom espectáculo. Aqui fica o nosso convite, a todos os interessados, para o dia 24 do corrente, às 22 horas. Depois, temos a celebração da Missa, o fim, a celebração da Missa, o fim, o refeição com mesas postas.

No dia 25, pelas 15.30 h, repetiremos a festa e esperamos uma boa assistência.

Para os amigos leitores, um Feliz Natal e próspero Ano Novo.

OUTONO — A maior parte das árvores deixa cair as folhas. Nas horas mortas vemos melhor o fenómeno. Quem não gosta muito disto são os mais pequeninos. Todos os dias precisam de estar com a vassoura na mão.

Luís Miguel Fontes

Encontros

EM LISBOA

Ser pobre e o desejo de servir Pobres

Acontece-me algumas vezes ser interpelado por pessoas que esperam de mim o milagre de lhes dar resposta aos seus anseios de servir os Pobres como se de mim dependesse a magia de transformar o sonho em realidade. Sinto-me sempre um pouco perplexo por não ser capaz de ajudar as pessoas a entrar num certo realismo necessário. Acontece-me o mesmo quando estou em certos grupos de oração, reflexão ou mesmo litúrgicos onde se entoam cânticos de um radicalismo verbal que nada têm a ver com a prática. Nestas ocasiões vou-me conformando ao pensar que todos os dias rezo o Pai Nosso e que estou muito longe de adequar o que digo com o que faço efectivamente.

O ser pobre e o desejo de servir os Pobres são apelos de Boa Nova no coração humano. São mesmo os sinais mais evidentes de que não se está a entrar numa miragem ou em miríficas creanças alienadoras da consciência.

Sucede, porém, que estas boas notícias para o coração humano, feliz preságio de realização humana e divina na alegria e na paz, precisam de um tempo para se desenvolverem, tornarem seguras, encontrarem o caminho concreto da sua realização e ultrapassar as constantes

resistências que vão aparecendo ao longo do caminho.

Um destes dias fui abordado por um moço, ainda relativamente novo e sonhador, que me despachou na cara: «Eu quero ir servir os Pobres, dar-lhes de comer na boca», etc. Perguntei o que é que tinha feito até aqui. Se tinha contacto com eles, se os visitava, se conhecia alguns. Nada. Estes Pobres mais próximos não lhe interessavam... Apercebi-me que no seu coração e na sua cabeça bailava um ideal, mas também havia à mistura pobres ideais, feitos e talhados para ele. Os outros, os reais e concretos, aqueles a quem podia desde já suavizar as aflições com a sua amizade, não os conhecia... A sua imaginação fervilhava de projectos para situações que não existiam ou que ele estava longe de conhecer com toda a sua crua verdade. Creio que pouco nos entendemos. Espero que este jovem não se perca em frustrações por não encontrar os pobres desejados e, assim o espero, as minhas interrogações o ajudem a um pouco mais de realismo.

Ao lado das resistências, há um outro tipo de raciocínio impeditivo de um efectivo serviço aos Pobres. Tenho falado com pessoas honestamente desejosas de serem pobres e servir os Pobres, mas querem ao mesmo tempo ter o controle total da situação. Assim, vão lançando pelo meio frases do

género: «Temos que salvar a nossa segurança porque não sabemos o que vai acontecer amanhã»; «precisamos de manter a nossa independência»; «é necessário termos o nosso espaço de manobra para continuarmos a nossa busca», etc. Querem dar algo de si, mas ao mesmo tempo temem ir demasiado longe no compromisso do dar-se. Longe vai a fé de Abraão: «Deus providenciará».

A propósito do Natal

Vem isto a propósito da Festa do Natal que nos preparamos para celebrar. Sempre me impressionaram os relatos do nascimento de Jesus e dos Reis vindos do Oriente. O Povo de Israel esperava o Messias; podemos mesmo dizer que ansiava por Ele. No entanto, quando se apresenta não é reconhecido. Todos Lhe fecham a porta para o Seu nascimento e ninguém dá por Ele depois de nascido. Tinham idealizado o Messias. Não se prepararam para a surpresa que Deus é sempre.

Pode-nos acontecer o mesmo com os Pobres, nós quais Jesus se quis irmanar. Idealizamos Pobres. Os que estão junto de nós não os vemos. Somos capazes de passar o Natal a pensar neles, lá longe, e, junto de nós, alguém passar o Natal na solidão e abandono. Queremos servi-los, mas é preciso que eles se adaptem a mim e que estejam lá quando eu me decidir ou já tiver ressalvado todas as minhas seguranças.

Com todos estes Pobres concretos que se chamam Dário, Tiago, André, Pedro,

ADVENTO

Continuação da página 1

lanças são armas de morte. Arados e foices são instrumentos de vida.

Um quadro antitético do que nos mostra a grande Imprensa

Quadro antitético do que nos mostram os grandes órgãos de informação é aquele que se pode ir vendo em Massaca 1. Engenheiro amigo, há dias regressado de Maputo, traz notícias exuberantes.

Aquela população ocorre-nos a «Viúva de Sarepta» de que nos fala a Escritura. Depois de anos de seca, sobrevive à fome e à morte. Foi o que respondeu ao Profeta Eliseu quando este lhe apareceu pedindo pão e água. Mas mesmo assim repartiu com ele da sua penúria e nunca mais se lhe acabou nem a farinha nem o azeite.

O povo da Massaca vivia da lenha que já só muito longe ia encontrando. Que mais havia de esperar?

Padre José Maria chega. Precisa de construir abrigo para os rapazes que ia encontrando na cidade. É necessário fazer blocos de cimento. «Quem sabe fazê-los?...» E surge a fabriquetada de blocos.

Precisa de carpinteiros. «Não há aí nenhum?...» Eis uma carpintaria que começa.

Dão-lhe folha de flandres. «Há aí algum latoeiro?» E os utensílios de folha aparecem.

E aparece mais um sapateiro e um padeiro e mulheres capazes de costurar...

E aí estão as micro-oficinas; mais de 500 m² de área coberta; e para aquele povo, sobretudo, um sentido para a vida que renasce, a esperança murcha que reverdece.

E isto sem programas grandiosos, sem poder político nem financiamentos de considerar. É a luz do Senhor que lhe ilumina os passos e desencadeia a energia. Daí o impacto que esta acção está tendo, a atenção que desperta, o desafio que constitui, o testemunho que é.

Não mais espadas e lanças; sim arados e foices. E sempre, sempre, ir ao encontro do Senhor, só Ele Juiz, só Ele Árbitro, para que «nos ensine os Seus caminhos e nós sigamos pelas Suas veredas».

João, etc., desejamos um Natal de Jesus simples, solidário, alegre e acolhedor.

Padre Manuel Cristóvão

Padre Carlos



Massaca 1 — Os oleiros mostram o produto da sua actividade empresarial

Moçambique

Povo cansado de tanto sofrer!

ESTEVE connosco uma responsável da Unicef com duas jornalistas, uma francesa e outra belga. Distribuimos o tempo de as atender pelos três, já quase cansados de falar do trabalho com os nossos rapazes e a população que nos cerca. Mas a senhora da Unicef, que nos conhece bem, trazia uma preocupação mais profunda. Não é mera funcionária estrangeira. Analisa os problemas com espírito de Fé. Católica, quer ver a Igreja participante insubstituível nesta hora de reconciliação. É uma virada que a paz proporciona para reconciliação do homem e do homem com Deus. Por isso, sabe todas as passagens da Escritura que se referem ao perdão e à reconciliação. Está inquieta e quer que, neste momento histórico de Moçambique, haja uma reconciliação autêntica que não promana dos tratados, mas só a Fé inspira.

Sabemos como o materialismo ateu e militante, a partir da cúpula, retirou ao povo os símbolos espirituais; como muitos foram sacrificados pela sua Fé. A guerra sobreveio, qual castigo bíblico opondo filhos contra pais e pais contra filhos, irmãos contra irmãos e morreram milhares. As aldeias ficaram desertas, as plantações abandonadas. A seca trouxe fome e penúria, arrastando mais vítimas ao holocausto. Lembra as *Lamentações* (4, 4): «A língua do menino de peito colou-se ao seu palatino por causa da sede. As crianças reclamam pão e não há quem lho reparta».

O acontecido em Angola deixa-nos ansiosos pelo processo de paz em Moçambique, alargado a todo o território. Tranquiliza-nos ver os soldados do governo contactados pelos da Renamo; e aqueles fornecendo prodigamente alimento para a sua fome. Mas aflige-nos saber de movimentos de tropas e indefinição do desarmamento. Dá a impressão que todos esperam que, a qualquer momento, alguém ataque.

O valor dos compromissos não foram ponto de partida para dignificar a paz conseguida. Se a guerra implicou erros dos dois lados, não é altura de corrigir estratégias, nem de queimar os últimos cartuchos, nem mesmo de fazer negócios escusos com os remanescentes, indo alimentar noutro lado o flagelo que passou por este.

Chega de destruir os irrecuperáveis e protelar o desenvolvimento deste povo cansado de tanto sofrer!

Se há razões que a razão desconhece, quem tem Fé que grite mais alto: — Basta...! Deixem-nos viver em Paz!...

Padre José Maria

Um modo de ajudar os Pobres

Sabendo da minha preocupação em angariar casas para os filhos que criei, uma amiga, de Lisboa, possuidora de um andar de três assoalhadas nesta cidade, telefonou a perguntar se estávamos interessados em lhe comprar o dito para os nossos. E desabafava: — *Pus o anúncio no jornal e apareceram logo duas imobiliárias dispostas a ajudar-me a resolver o problema da venda da casa. Foi então que me lembrei de vocês.*

Ora aqui está um modo de ajudar os Pobres. Em vez de entregar o assunto a uma empresa intermediária que ganha sempre, e bem, com o negócio, por vezes sem grandes ralações, contactar directamente connosco é uma forma de ajudar também.

Eu prefiro que os meus fiquem disseminados no contexto social e imobiliário do que juntá-los todos num

bairro, embora não exclua essa solução que me parece menos boa e talvez mais económica. Agrada-me imenso que eles adquiram a sua casa, onde calhar melhor, sem qualquer aspecto de segregação.

Mas a senhora adiantou: — *Como é para vocês, irei vendê-la por um preço inferior ao seu valor;* e acrescentava um número que me pareceu exceder o desconto de 12%. Um novo sistema de ajuda cristã.

Por esse País fora, e nesta Diocese de Setúbal, haverá com certeza outras pessoas, possuidoras de imóveis e com desejo de os transacionarem. Poderão contactar-nos como fez esta nossa amiga.

Se as paróquias se empenhassem, a sério, com a aflição dos sem casa, quantas situações resolveriam os que

partilham a mesma Eucaristia! Quantos?!...

Mesmo no mundo dos negócios, hoje, toda a tendência se afirma para banir os intermediários que são sempre os que mais comem e menos sofrem.

Uma verdadeira comunidade eucarística é capaz de encontrar sempre um jeito original de socorrer os que lhe pertencem ou lhe são próximos. Também por esta via se poderá pôr em prática o programa social e perene do Padre Américo: *Cada freguesia cuide dos seus Pobres.*

Boas notícias de Natal!

O Roberto vinha hoje ofegante e aliviado da venda d'O GAIATO: — *A minha mãe apanhou-me no Pingo-Doce e quis levar-me com ela, mas*

eu fugi para o pé dum polícia.

— *Como é que ela te apanhava se tu não quisesses?*

— *Ela trazia um homem!*

Não devo contar a história do Roberto no jornal. Nem dele nem do irmão, mas avalio quanto ele não teria sofrido nas mãos daquela mulher para hoje fugir da sua mãe.

Mais: Quanto não aprecia hoje o Roberto esta sua Casa e sua família para não a querer trocar pela companhia materna.

Com o Rui aconteceu situação semelhante: Raptado desta Casa pelo pai e pela madrastra, há um ano, agora fugiu-lhes e voltou para a nossa e sua família. Não há laços superiores aos do amor quando são descobertos. Nada melhor para apreciar uma família do que perdê-la.

Boas notícias de Natal!

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Dar a mão

O apelo que Pai Américo fez naquela noite à multidão que enchia o Coliseu do Porto penetrou no coração e na alma de todos e em mim também: «*Dar a mão. 'Oh meu Senhor dê a mão àquele!' O nosso povo fala*

tão bem! O nosso povo fala o português tão bem! Dar a mão ao Outro!»

Dar a mão é missão de todos, embora nem todos sintam e executem esta missão. Padre Américo foi um homem de mãos dadas. Sempre de mãos dadas a todos. Isto mesmo ele pedia a seus Padres e deixou escrito no seu «testamento» aos mesmos.

Dar a mão àqueles que nos estendem as mãos. E todos sentimos esta necessidade. Andarmos de mãos dadas. Sentirmo-nos apoiados. Não nos sentirmos sós.

Nestes quarenta e dois anos que, como Padre da Rua, andei pela cidade de Coimbra, Miranda do Corvo e Centro do País, encontrei sempre uma multidão de mãos dadas: nas igrejas, nas salas das nossas Festas, nas ruas, em casa de cada um e em nossa Casa. Graças a Deus que senti sempre mãos nas minhas mãos.

Noutro lugar

Agora o meu lugar de dar a mão é em Paço de Sousa e Zona Norte. Só já poderei dar a mão devagarinho. Os anos vão diminuindo as nossas forças.

Terei de dar a mão aos que vierem com papéis para o Fernando Dias dar dinheiro para viagens. Terei de dar a mão às receitas de farmácia para aviar. Terei de dar a mão aos que nos procuram

para repartirmos com eles o pão da nossa mesa. Terei de dar a mão aos que vêm fora de horas, como numa noite destas aquele homem de sapatos muito rotos e camisa muito suja que mandei esperar e saí por outra porta. A minha fuga custou-me o sono daquela noite.

Terei de dar a mão ao «Ricky» que se rebola no chão para atrair a nossa atenção. Terei de dar a mão ao «Guga» que se deixa

amimar por todos e aproveita bem o colo de cada um. Dar a mão ao pequeno padeiro que se vê aflito com muitos dependurados na janela à espera de pedacitos de pão.

Terei de dar a mão às mães que vão ao tribunal por não terem casa para os filhos que geraram. Dar a mão àqueles que vêem suas barracas a cair ao rio.

Deus me ajude a dar sempre a mão!

Padre Horácio

BENGUELA

Continuação da página 1

o pão com o suor do nosso trabalho. A quinta privilegiada que nos tocou, é lugar cheio de luz para que todos vejam. O fruto há-de matar a fome a muita gente.

Quem nos dera um gerador de 150 KVA! Os motores são eléctricos e não haverá energia por muito tempo. Além de que a barragem que alimenta esta zona foi destruída e demorará anos a sua recuperação. Deixo-vos esta aflição.

Onde está a causa de tamanha desgraça, sem dúvida maior do que a que precedeu a Independência de Angola em 1975? «Quem semeia ventos colhe tempestades», diz o provérbio. A sementeira de injustiça, de ódios, de violência germinou.

Vamos trabalhar pela paz!

Padre Manuel António



O Senhor Deus veio buscar para junto de Si o seu amigo Professor Manuel Paiva Boléo, mestre de Língua Portuguesa na Universidade de Coimbra. Horas antes tinha-me cruzado com ele na rua. Ele ia, vergado pelos 88 anos e apoiado ao seu guarda-chuva, rumo à capela dos Padres Franciscanos. Encontrei-o muitas vezes na mesma direcção.

Foi sempre grande admirador e amigo de Padre Américo e da sua Obra. A Igreja escolheu-o para fazer o seu depoimento sobre as virtudes de Padre Américo, para o processo da sua beatificação.

Agora, na Casa do Pai, estão ainda mais em comunhão. Bendito seja Deus nos Seus Santos.

Padre Horácio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Novembro: 71.000 exemplares.